

## ESTRANGEIROS E CULTURA CAPITALISTA CEARÁ (1810-1916)

Antônio de Pádua Santiago de Freitas<sup>1</sup>

### Cultura capitalista

Cultura capitalista pode ser compreendida aqui como maneira de se definir o valor e o sentido das coisas, e como elas podem estar carregadas de paixões e desejos. Não foi à-toa que, na década de 1870, em que na Europa “a idade do carvão e do ferro” foi suplantada pela “era do aço, da eletricidade, do petróleo e dos produtos químicos”, houve a consolidação do discurso de defesa de um padrão de civilização e civilidade sustentado no progresso da ciência, da tecnologia e da industrialização. Assistiu-se, mais precisamente, entre 1867 e 1881, uma revolução nos níveis mais baixos da vida prática cotidiana, cujos símbolos matérias expressaram-se através de uma série de mercadorias:

*o motor a explosão, o telefone, o microfone, o gramofone, a radio telegrafia, a lâmpada elétrica, os transportes públicos mecanizados, os pneus, a bicicleta, a máquina de escrever, a circulação maciça de notícias impressas a baixo custo, as primeiras fibras sintéticas, a seda artificial, os primeiros plásticos sintéticos, a baquelite* (BARRACLOUGH: 1987, 45).

No entanto, todas essas “coisas” não poderiam ter modificado a vida cotidiana e convencido os indivíduos se não tivessem sido produzidos sob a coerência de uma lógica de conforto, cujos conhecimentos serviriam para qualificar o papel das coisas: dos metais (o aço, o alumínio), das lâmpadas (eletricidade) e das meias de *nylon* (petroquímica) no conforto do lar, das ruas da cidade e no meio rural. Graças aos estudos da bacteriologia, da microbiologia e da bioquímica; devido ainda, ao aumento da eficácia da agricultura, com a produção de adubo, da conservação de alimentos; da

---

<sup>1</sup> Professor e vice-coordenador do Mestrado Acadêmico de História (MAHIS), da Universidade Estadual do Ceará (UECE). É também líder do grupo de pesquisa Práticas Urbanas.

proximidade do consumo, de um tempo mais rápido, devido a implantação do sistema ferroviário, pela construção de navios de grande tonelagem e pelo aperfeiçoamento das técnicas de refrigeração.

Esses acontecimentos científicos, tecnológicos e industriais repercutiram na vida material na medida em que se construía uma nova subjetividade. Agiram como propaganda para que, de uma maneira ou de outra, o mundo se visse afetado e convencido, social e psicologicamente, pela capacidade extraordinária dos países europeus e, posteriormente, norte-americano, para impor um “modelo hegemônico de bem-estar e estar no mundo”.

Esse “modelo hegemônico de bem-estar e estar bem no mundo”, cuja subjetividade é vitoriana e a materialidade é capitalista, se caracterizou não só pela estratégia da circulação de mercadorias, mas também, do deslocamento da população, da introdução de agentes para atualizar e defender o sentido válido de existência humana definido pela cultura capitalista. A disciplina, a convicção no bem fundado do ideário comercial e civilizacional dos países europeus, causou uma diáspora colonizadora:

*O que as pessoas previam era uma época em que os povos europeus se espalhariam por toda parte, ocupando e estabelecendo-se nos novos territórios coloniais, constituindo em alguns a maioria da população, em outros, pelo menos, um sólido quadro administrativo, mas, em qualquer caso, mantendo um indispensável laço com o todo imperial. (BARRACLOUGH: 1973, 65).*

Nesta perspectiva os estudos de Braudel em sua trilogia, intitulada “Civilização material, economia e capitalismo – séculos XV-XVIII” (1995a, 1996a; 1996b), ajuda a transpor “Os jogos das trocas”, “As estruturas do cotidiano” e “O tempo do mundo” para o Ceará. Pois, além do “tempo do mundo”, do capitalismo em expansão, existem os tempos das comunidades locais, o tempo dos indivíduos. Assim, pode-se pensar a relação entre tempo do mundo, e o processo de inserção específico do Brasil e o tempo

da cidade de Fortaleza e das cidades do interior do Ceará no processo civilizador capitalista.

Os “tempos”, nesse caso, apontam processos diferenciados, com velocidades próprias e que permitem pensar em conceitos definidores da organização da sociedade: “cultura capitalista” e “civilização capitalista”. Esses dois termos são de suma importância para se precisar o lugar da inserção das cidades cearenses no contexto preciso que Braudel define por “tempo do mundo”.

No que concerne ao conceito de civilização, esse se define pela longa duração e seu processo em formato inexorável de globalidade mestiça: trocas de mercadorias, trocas de valores, trocas de sensibilidades em escala mundial, a partir de uma referência dominante. Civilização que carrega em seu seio a dinâmica criadora das mudanças, mas que se reverte igualmente da persistência, da continuidade como razão de ser e dominar. Esse paradoxo entre a dinâmica criadora e a conservação dos traços fundadores, insinua a necessidade do trato com a alteridade. E, que, por isso, talvez, Braudel (1995, p. 132) afirma que

*Ao homem, todas as escaladas, todas as transferências são permitidas. Nada pode travá-lo, a ele e a seus bens, materiais e espirituais, que ele transporta, quando está só e quando atua em seu nome. Se se trata de um grupo, de uma massa social, a deslocação torna-se difícil. Uma civilização não se desloca com a totalidade das suas bagagens. Ao atravessar a fronteira, o indivíduo expatria-se. “Trai”, abandona atrás de si sua civilização.*

Se o indivíduo ao expatriar-se abandona atrás de si sua civilização, é porque esta trás como essência a qualidade de se atualizar através das culturas não hegemônicas. Por conseguinte o conceito de cultura terá relação com as “traduções culturais”, sobretudo quando analisada com situações de dominação, de colonização, de imperialismo. Isto porque, as culturas têm suas peculiaridades locais que, no contado com a cultura tendentemente dominante em escala de tempo e de territórios, transformam e são transformadas. É o que analisa Sahlins, ao pensar a cultura positivamente enquanto

simbiose, reconfiguração das estruturas de poder, cuja autonomia cultural representa também inclusão no processo de mundialização. Em “Esperando Foucault, ainda”, o antropólogo metaforicamente afirma que "as culturas são como os rios: não se pode mergulhar duas vezes no mesmo lugar, pois estão sempre mudando" (2004) e em “Ilhas de história” (1990, p. 7), ele reitera sua simbiose:

*A história é ordenada culturalmente de diferentes modos nas diversas sociedades, de acordo com o esquema de significação das coisas, sendo que o contrário também é verdadeiro: esquemas culturais são ordenados historicamente porque, em maior ou menor grau, são reavaliados quando realizados na prática.*

Numa outra perspectiva, que supõe imbricação e complementaridade para o esboço de um esquema de interpretação que se pretende aqui, a inspiração do “processo civilizador” é aportado pelos trabalhos de Norbert Elias (1994 e 1993). Que se volta para as mudanças operadas no longo prazo no comportamento, nas sensibilidades e nas estruturas de controle e de autocontrole das pessoas e das sociedades. O que nos chama a atenção é a relação que ele estabelece entre os usos sociais e político do corpo, ou como o Estado centralizado estabelece as interdições, prescreve uma linguagem dos gestos, controlando e levando ao autocontrole os indivíduos e as coletividades. A figuração, estudada por ele é uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes (ELIAS: 1994, 249). Esse conceito enfatiza as ligações entre mudanças na organização estrutural da sociedade e mudanças na estrutura do comportamento. É esse conceito que nos interessa para pensarmos o processo de mudança que vai se operando a nível psíquico, na medida em que as relações de produção se materializam, atingindo os patriarcalismos e patrimonialismos das cidades do Ceará.

A partir das observações teóricas, entende-se, pois, como cultura capitalista tanto a imposição militar quanto a sedução civilizatória que aportou, com seus militares e agentes comerciais, nos lugares mais distantes do planeta, tendo que articular a lógica das mercadorias à compreensão de um sentido existencial. Entender civilização não se faz sem compreender a lógica de seus agentes relacionada ao funcionamento das coisas.

Essa lógica se instala na Europa e cria uma psicologia toda própria, toda “vitoriana”. No entanto, não se pode entender o termo *vitoriano* como algo britânico, pois o conceito tanto pode ultrapassar as terras do Reino Unido, ou o tempo em que a própria rainha Vitória reinou. Além do mais existiram os “vitorianos” franceses, italianos, alemães. Nesse sentido, pode-se afirmar que não existe uma só cultura vitoriana, mas várias. Índícios advindos de vários núcleos documentais apontam a tradução dessa cultura a nível local. Sobretudo quando Freyre faz a seguinte observação:

*“A casa nobre, o sobrado, o luxo de roupa, de móvel, de cavalo, de carruagem, o requinte da moda, nem sempre corresponderam, no Brasil, à situação puramente econômica dos moradores. As regiões que mais se europeizaram nem sempre foram as mais ricas”* (FREYRE: 2006, p.444).

O Ceará não era o mais rico e talvez, não tivesse o clima apropriado para a moda francesa que aqui chegava, mas não deixava de se reeuropeizar. As fotos do final do século XIX são em preto e branco, mas os vestidos na sua maioria eram de cor escura, a “coloração protetora”, que estampava o desejo de alinhamento das senhoras de melhor escol do Ceará com a Europa burguesa e principalmente Vitoriana. Seja na cidade de Sobral, Aracati ou Fortaleza, assim como acontecia em outras partes do Brasil, “A sobrecasaca preta, as botinas pretas, as cartolas pretas, as carruagens pretas enegreceram nossa vidas quase de repente (...). Quase um luto fechado” (FREYRE: 2006, p. 433). Os vestidos, no Ceará, de cauda, o fofo, a saia rendada, a sombrinha nas delicadas mãos e rosas sobre o seio eram todos escuros e,

*principalmente os vestidos de chamalote preto, com os quais as representantes do sexo feminino comparecem as missas, onde, em momentos solenes, ouvem não apenas os sermões acompanhados de meias representações dramáticas, mas cânticos e músicas sacras muito bem tocadas por pessoas dessa mesma sociedade, portadora de elogiável bom gosto artístico* (CAMPOS: 1985, 51).

Se a cultura capitalista, a cultura vitoriana, tem suas próprias cores, que revelam seu espírito, este também se revelava em seus bailes, danças, agremiações, no conhecimento. A cultura capitalista se ritualiza através das coisas e impõe comportamentos, subjetividades, cuidado de si: uma psicologia própria, “vitoriana”, ou, como diria Peter Gay, o caráter burguês do século XIX. A busca da definição se orienta a partir de um representante da burguesia austríaca, nada menos que Freud:

*O caráter burguês, propõe ele, constrói-se em grande parte por meio de proibições, de coisas que a classe média não deve fazer e de palavras que não é permitido dizer. Mas se o lema burguês é auto-abnegação, não será porque suas paixões sejam débeis, mas porque estão controladas – nas palavras de Freud, “redefinidas” – de formas diversas das dos rudes camponeses ou operários, e mesmo das dos autopermissivos aristocratas [...] (GAY: 2002: 48).*

Em 1877, essa estética, essa sensibilidade e, até mesmo, uma nova linguagem dos gestos, de se portar no mundo, ritualizado em torno dos objetos produzidos e consumidos pela cultura capitalista, ganhava o mundo e rondava as mesas das elites e classes médias do Ceará. Os viajantes, os estrangeiros que se instalavam para contrair negócios e, às vezes, contraíam casamentos, estando na origem das famílias as mais tradicionais, contribuíram para a transposição do processo civilizador capitalista em terras cearenses.

### **Os estrangeiros e o Ceará**

Um dos precursores do estrangeiro inglês no Ceará, cujas ações poderíamos caracterizá-las como em prol da penetração da cultura capitalista européia em terras alencarinhas, chamava-se Henry Koster. Inglês de Liverpool que aportou no Nordeste “em busca de clima propício a insidiosa enfermidade de que era vítima”. Sua estadia em Fortaleza se estendeu de 16 de dezembro de 1810 a 8 de janeiro de 1811, com passagem

pela cidade de Aracati, quando ainda era considerada a mais civilizada, “assim na roupa, como em tudo mais”; vila de onde “saíam para as outras vilas os homens que mais se distinguiam em música e ofícios mecânicos, letras e ciências”. Gustavo Barroso, no entanto, duvidava da motivação primeira do viajante. Para entender seus interesses nos seria necessário acompanhar de perto as peripécias daquele inglês de maneira mais detalhada. Assim, o escritor de “À margem da História do Ceará” argumenta suas suspeitas:

*Todavia, não o vemos nunca à procura de repouso e tratamento, sim fazendo constantes jornadas através de regiões praijeiras ou sertanejas, sem o menor conforto, despendendo esforços contínuos e pouco recomendáveis a pessoa de pouca saúde. Acompanhando seus passos, vê-lo-emos sempre em contato com aquelas individualidades locais que tomariam parte nas futuras revoluções contra o poder central e se haviam tornado conhecidas por suas idéias avançadas (BARROSO: 1962, 152).*

No entanto, além da presença de Koster, por seus feitos e suas obras, poderíamos computar como relevantes, tanto para o Ceará quanto para seus países de origens, a presença de outros estrangeiros. E partindo dos mais notáveis para os menos influentes, poderíamos fazer uma projeção diacrônica dos estrangeiros que passaram por nossa terra, decorrentes do processo de expansão da cultura capitalista.

Começaríamos pelo Lorde Cochrane, 10º Conde de Dundonald, inglês, que publicou em 1858 “Narrative of Services the Liberation of Chile, Peru and Brazil” cujas informações sobre o Ceará podem ser encontradas entre as páginas 182 e 186 do opúsculo “Estrangeiros e Ceará” (STUDART: 1918, 196). L. F. de Tollenare, comerciante francês, cujo “lazer deixado pelo labutado comercio ocupou-se de consignar semanalmente as impressões, que lhe davam os homens com quem entrava em contato e os acontecimentos de que tinha notícia” (STUDART: 1918, 195-196). Jean Seraine, arquiteto francês, chegou aqui na primeira administração de José Martiniano de Alencar (1834-1837) – que tanto lutou pela imigração de estrangeiros para a construção das obras públicas que “embelezassem e melhorassem as condições

da cidade”<sup>2</sup> -, mandou trazer operários franceses e, depois de ter desenhado a planta e ter orçado os custos, fez construir as paredes do recife que protegeu a cidade de Fortaleza das ressacas marinhas. O irlandês Patrick O’Meara anotou observações sobre o reservatório de Boqueirão das Lavras. O norte-americano Orville Derby estudou sobre a meteorologia do trópico semi-árido. José Antônio Seifert, era arquiteto natural da Boêmia, casou-se com a cearense Dona Maria Paulina Seifaert. Ferdinand Denis era um ilustre conservador e diretor da Biblioteca de Santa Genoveva, em Paris.

Além desses acima anotados, listamos ainda: George Gardner, de Glasgow, Escócia, que veio por motivos científicos, tendo a Vila de Aracati como entrada no Ceará; F. Chabrilac escreveu “Sur quelques poissons fossiles de La province Du Ceará Du Brésil”, publicado nos Comptes Rendu de l’Academie des Sciences de Paris; William Hadfield, viajante inglês, escreveu sobre as secas, o algodão; Pedro F. Theberge, médico e historiador, tendo nascido em Marcé, França, ao chegar ao Ceará, se deteve na cidade de Icó, tendo muito contribuído para a construção da historiografia cearense; João Brindiseil, era um pintor e desenhista alemão, que foi designado, em 1858, para ensinar no Liceu de Fortaleza, “várias famílias de Fortaleza possuem retratos pintados por Brindseil. Foi elle quem pintou o quadro da ‘Ceia Larga’ que existe na capella do Sacramento na cathedral de Fortaleza” (STUDART: 1918, 205); Dr. Mallet, obstetra, se radicou em Aracati; Pierre Florent Berthot, engenheiro francês, chegou a Fortaleza em 1858, trabalhou na reforma do porto; Dr. Carlos Kornis de Tatvarat, era professor de Direito Criminal, veio para o Brasil para se tratar de doença; João Luiz Rodolpho Agassiz, norte-americano de origem Suíça, passou por Fortaleza em 1865; além de J. Whitfield (inglês), Guilherme Van de Sand (prussiano), Sir John Hawkshow, (engenheiro inglês), Herbert Smith (norte-americano), Arcádio Dorme (francês), Jules Jean Revy (engenheiro inglês).

Barão de Studart, que nos orientou primeiramente em nossas pesquisas, esboçou uma lista de 73 indivíduos com instrução, cobrindo um período que vai de 1810 a 1916. No entanto, o interessante quando observamos e nos deparamos com as qualificações profissionais, a cartografia de suas paragens e o tempo de permanência no Ceará,

---

<sup>2</sup> De fato, o sonho de José Martiniano de Alencar (pai do escritor José de Alencar), se realizou 10 dias antes de transmitir o cargo ao vice-presidente quando “aportaram a Fortaleza 120 colonos, vindos pelo brigue ‘Maria Carlota’”, de origem açoriana. In: GIRÃO, Raimundo. Pequena História do Ceará. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1984. (Coleção Estudos Cearenses, v. 1), p. 154.

podemos afirmar que as motivações de suas vindas não eram desprovidas de lógicas, diante de um mundo em franca expansão sob a cultura capitalista, que, a todo custo, precisava de informações sobre os países a ser conquistados.

Essas presenças e influências estrangeiras podem indicar um processo de mestiçagem cultural, sobretudo quando comparada com os casos de outras regiões do país, sob a imigração europeia deliberadamente de povoamento e em substituição da mão-de-obra escrava. Isso não quer dizer que vozes locais não se tivessem levantado para reivindicar a ausência estrangeira mesmo por questões científicas. Burmeister, citado no “Extrangeiros e Ceará”, chega a desdenhar das possibilidades científicas da terra alencarina, pois considerava sua flora e fauna pobres quando comparada com as “regiões Amazonicas”, onde a “natureza pompeia com todas as suas galas e maravilhas”, ou quando comparada ainda com as “regiões do Brasil meridional” cujos minérios provocam atenção, curiosidade, cobiça e que “compensam todo e qualquer trabalho no sentido de sua exploração econômica ou do seu aproveitamento para os progressos da sciencia” (STUDART: 1918, p. 10). A indisposição dessa presença estrangeira de caráter científico, pela escolha do Ceará é ainda explicada na lacônica argumentação do Barão de Studart que transfere a responsabilidade para os intelectuais não cearenses, porque aqueles que

*escrevem a historia do Paiz occultam o que tem o Ceará de recommendavel, bello e digno de figurar nos annaes pátrios ou só ás carreiras lhe fazem referencias, não avulta o numero de auctores extrangeiros que tratem a nosso respeito e consequentemente não será longa a enumeração de obras que nos interessem de perto (STUDART: 1918, pp. 10-11).*

Mesmo que a presença estrangeira não tenha gozado da mesma “reputação” quando comparada com as experiências dos estados do sudeste e do sul do país, não se pode negligenciar a contribuição estrangeira na construção de uma cultura capitalista no Ceará. Eles trouxeram seus conhecimentos técnicos, e introduziram novas máquinas e ferramentas para a produção de farinha, de algodão, materiais de construção, instrumentos musicais, como o piano e Geraldo Nobre aduz que

*Não se exagerará a importância de contribuições técnicas pessoais, devidas a artífices estrangeiros, atraídos para o Ceará, ou estabelecimentos voluntariamente na então província, onde desenvolveram suas atividades e transmitiram habilidades e experiências específicas, integrando uma relação numerosa, da qual avultam os nomes de João Pedro Seraine, arquiteto, Fernando Hitzchky, engenheiro, Henrique Ehrich, ferreiro, João Brindseil, pintor e marceneiro, o primeiro francês e os demais germânicos, pelos serviços prestados e formação de novas famílias cearenses (exceto o último neste tocante) (NOBRE: 1989, p. 68).*

Alguns dos matrimônios aludidos por Geraldo Nobre foram fundadores das famílias mestiças mais tradicionais do Ceará e tiveram lugar importante na história do estado e no seu processo de inserção na cultura capitalista. Trata-se dos Boris, de origem francesa e, os Studart, de origem inglesa. Interessante notar que esses dois sobrenomes estão constantemente presentes na história política, econômica e cultural do Estado do Ceará.

Segundo o discurso apaixonado de Raimundo Girão, os membros da família Studart, “se ilustraram, nas letras, na política, nas profissões liberais e na finura social”. Eles aportaram em Fortaleza, em 1840, através de John William Studart, que se tornaria o primeiro vice-cônsul britânico no Ceará. Em busca de fronteiras para seu comércio, ele se estabeleceria na Capital cearense e se casaria com a cearense Leonísia de Castro Barbosa, da família aristocrática dos Castro e Silva Barbosa. O Casal gerou Guilherme Chambly Studart, o Barão de Studart, médico, historiador, e segundo vice-cônsul do Reino Unido no Ceará, do qual Raimundo Girão rasgou os seguintes enaltecimentos:

*Notável no estudo e na documentação sobre a história do Ceará; ninguém o excedeu nesse caminho (...). Todo passado do Ceará se retrata nas obras do Barão. Obras de profundidade, de legitimidade e enorme extensão que ainda é precioso “vade mecum” de consultas e orientações” (GIRÃO: 74, 221).*

Os ingleses parecem estar estreitamente ligados ao momento de autonomia do Ceará com relação a Pernambuco. Sobretudo no ano de 1866 quando o cearense começa a se acostumar com os nomes de firmas como Booth Line, de Liverpool, ou a Red Cross, também britânica (ARAGÃO: 1989). Essa presença inglesa, Segundo Gilberto Freyre, não pode ser negligenciada quando se quer entender o desenvolvimento do Brasil.

*Os ingleses, quase tanto quanto os franceses, madrugaram, sob a forma de piratas, aventureiros e negociantes, nas praias da América tropical descobertas por portugueses e espanhóis. E distanciando-se dos franceses, por largos anos seus rivais, os ingleses acabaram alcançando entre nós, sob a forma de negociantes e técnicos, uma preponderância econômica que, ostensiva nos dias de D. João VI regente e depois rei – quando aquela predominância assumiu aspectos francamente imperialistas e não apenas imperiais – acentuou-se de 1835 a 1912, para só então começar a declinar lentamente, vencida pela expansão norte-americana e minada pela alemã (FREYRE:2000, 46)*

O estudo da presença francesa vem sendo estudada por Denise Monteiro Takeya, em “Europa, França e Ceará: origens do capital estrangeiro no Brasil”, focado na Casa Boris Frères, no Ceará, o trabalho mostra, através daquela casa comercial, a entrada do Ceará na Divisão Internacional do Trabalho. Isto devido sua instalação definitiva em Fortaleza em 1872. Pode-se observar que essa decisão foi baseada nas análises dos relatórios consulares da administração francesa (TAKEYA: 1995, 116-135) e revela, talvez, e é preciso que se confirme ao longo de nossa pesquisa, que o mais importante da presença de viajantes estrangeiros por todo o país era o trânsito de informações. A empresa era montada sob a estratégia matriz-filial, que facilitava tanto a exportação como a importação. Os Boris Frères,

*na sua trajetória centenária, tendo à frente os pioneiros da firma, a Casa Boris Frères assumiu posição de realce na economia cearense, especialmente nos últimos dezoito anos do Segundo Império e nos dez primeiros da primeira República, quando a empresa vitoriosamente comercializava com todas as localidades importantes do Ceará (Aracati, Sobral, Icó, Camocim, Itapipoca, etc.), com vários estados do Nordeste, Norte e Sudeste do País) Pernambuco, Paraíba, Piauí, Maranhão, R.G. do Norte, Bahia, Pará, Rio de Janeiro, etc.). Simultaneamente, além de competir com tradicionais firmas locais como os Gradwohl, Holderness & Salgado, etc., exportando produtos cearenses (café, laranjas, couros e peles, madeiras de lei, etc.) par os U.S.A., França, Inglaterra, Alemanha, etc., e do exterior, trazendo mercadorias para consumo local e interestadual, também atuava como agentes de Companhias de Seguros e Navegação, investiam em projetos: agro-industriais, estradas de ferro, exploração de mina e agia como ‘Casa Bancária’” (MOTA: 1982, p. 10).*

Outras casas francesas alargaram o lastro de investimentos estrangeiros no Ceará na segunda metade do século XIX, como Gradwohl Frères, Levy Frères, WEILL & Cia, Hasbisreutinger & Cia e a Casa Brurmschiveiberg. Umas optando pelo interior, outras se estabelecendo na Capital.

A presença alemã aludida por Freyre acima, tem como marco no Ceará o ano de 1901 e é representada pela firma Oscar Huland & Cia Ltda. Em seguida, a Berringger & Cia, chega entre 1927 e 1928, explorando o comércio de produtos regionais (SCHIMMELPFENG, 1989).

Todas essas firmas parecem manter relações com as cidades do interior como é o caso do Sr. Mirtil Meyer que se muda para a cidade de Aracati, depois de ter comprado, em 1875, a firma dos irmãos Alexandre Ferreira da Costa Lima e Pompeu Ferreira da Costa Lima, donos da Costa Lima & Irmãos. A firma passou a se chamar Mirtil Lima &

Irmãos, fazendo negócios com fazendas, estivas, miudezas, algodão, peles e couros, cera de carnaúba, chapéu de palha, bolsas, esteiras (ARAGÃO, 1989).

No bojo da discussão da expansão da cultura capitalista, subjaz aquela sobre como esse deslocamento se investiu de tradução criadora de novas paisagens materiais, sensibilidades híbridas a nível local e que, talvez, aponte para as peculiaridades da cultura capitalista cearense.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, E. F. A trajetória da indústria têxtil no Ceará: o setor de fiação e tecelagem (1880-1950). Fortaleza: UFC/Stylus, 1989. (Col. Estudos Históricos).

BARRACLOUGH, Geoffrey. Introdução à história contemporânea. 5ª edição, Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

BARROSO, Gustavo. À margem da história do Ceará. Fortaleza: Imprensa universitária do Ceará, 1962.

BRAUDEL, Fernando. *Civilização Material e Capitalismo (séc. XV-XVIII) – v.1. As estruturas do Cotidiano: o possível e o impossível*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

\_\_\_\_\_. *Civilização Material e Capitalismo (séc. XV-XVIII) – v. 2. Os jogos das trocas*. São Paulo: Martins Fontes, 1996a.

\_\_\_\_\_. *Civilização Material e Capitalismo (séc. XV-XVIII) – v. 3. O tempo do mundo*. São Paulo: Martins Fontes, 1996b.

CAMPOS, Eduardo. Capítulos de História da Fortaleza do século XIX. O social e o urbano. Fortaleza: Edições UFC (PROED). (Coleção José de Alencar, 6).

ELIAS, N. O processo civilizador: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. V. 1.

\_\_\_\_\_. O processo civilizador: Formação dos estados e Civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. V. 2.

FREYRE, Gilberto. Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento urbano. 16ª edição, São Paulo: Global, 2006b. (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil, nº 2).

\_\_\_\_\_. Os ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil. 3ª edição, Rio de Janeiro: Top Books Editora/UniverCidade, 2000.

GAY, Peter. O século de Schnitzler: a formação da cultura de classe média (1815-1914). São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GIRÃO, Raimundo. Um Studart Ilustre. Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza, Ano LXXXVIII, 1974.

MOTA, Francisco de Assis Sousa. A secular Casa Boris e a importância de seu arquivo. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1982.

NOBRE, G. O processo histórico de industrialização do Ceará. Fortaleza: SENAI/DR-CE, 1989.

SAHLINS, Marshall. Ilhas de história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

\_\_\_\_\_. Esperando Foucault, ainda. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

SCHIMMELFENG, Gisela Paschen. A participação alemã no desenvolvimento sócio-econômico do Ceará. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará - NUDOC/Stylus Comunicações, 1989. (Memória e Documentos, 2).

STUDART, Guilherme (Barão de Studart). Estrangeiros e Ceará. Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza, Ano XXXII, 1918.

TAKEYA, D. M. Europa, França, Ceará: origens do capital estrangeiro no Brasil. São Paulo/Natal: Hucitec/UFRN, 1995.